

SUBJETIVIDADE CAPITALISTA E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO E O TRABALHO*

*Willian Santos de Souza
Antonio Bosco de Lima*

Introdução

Nos últimos anos é perceptível que a terceirização vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento como solução eficiente para vários problemas. Porém é necessário o questionamento sobre o que permitiu esta rápida expansão e quais as consequências que a terceirização pode trazer para o trabalho dos docentes e para a educação pública brasileira. Em 2017 foi aprovada a terceirização da atividade fim para o setor privado, porém a mesma surgiu através da PL 4302/1998 (transformado na lei ordinária nº 13.429 de 31 de Março de 2017) que permitia em sua proposta inicial a terceirização da atividade fim para instituições públicas de ensino. Na esfera federal, a educação pública brasileira já está em parte terceirizada, não somente pela atividade meio que a legislação determina, mas já ocorre nos casos onde, por exemplo, um professor de um instituto federal ou universidade pública se ausenta por motivos de capacitação ou licença médica e é realizado um processo seletivo simplificado para contratação de substituto e suprir a ausência temporária do docente.

Ao longo dos anos a terceirização tem sido ampliada e neste cenário de crise sanitária, econômica e política no Brasil a medida de terceirizar a atividade fim de uma escola não está distante de acontecer. Neste contexto é fundamental compreendermos e assim podermos prever as consequências para a educação do Brasil e sociedade em geral. No caso de terceirizar a atividade fim das escolas públicas federais, podemos inferir algumas hipóteses como ainda mais precarização das condições de trabalho do professor com salários ainda mais baixos, mais horas de trabalho, maior rotatividade e ainda pode inviabilizar a possibilidade de aposentadoria. Desta forma a atividade docente deixará de ser encarada como carreira e passará a ser considerada como atividade temporária de simples complemento a remuneração, tais situações provocarão a desmobilização entre os professores e a desqualificação docente. Esta conjuntura poderá gerar consequências desastrosas e danos praticamente irreversíveis como diminuição drástica da qualidade da educação, a impossibilidade de uma efetivação do ensino-aprendizagem e especialmente a formação crítica de cidadãos conscientes com uma visão holística e que tenha capacidade de trabalhar em prol de um país justo, equânime e com menor desigualdade social.

*DOI – 10.29388/978-65-81417-67-3-0-f.32-39

Fica evidente o propósito do presente estudo no contexto das relações sociais, criação da subjetividade e a força desumanizadora da hegemonia burguesa sob todos os aspectos da vida e principalmente da educação e o domínio sobre a classe trabalhadora. Ressalta-se aqui a importância em se compreender esta relação e as consequências para a educação, assim como refletir sobre maneiras de combatê-la.

1. Os valores capitalistas e a relação com a criação da subjetividade

No século XXI têm sido ampliadas as formas de criação das subjetividades do homem e mulher. Tudo se baseia no principal valor do capitalista que é a obtenção do lucro e a reprodução do mesmo. Assim procura a qualquer custo aumentar a produção e por consequência os lucros. Neste sentido, a autora PREVITALI diz o seguinte:

A nova ordem de acumulação capitalista ancora-se em relações laborais fundadas na flexibilidade e no uso intensivo das tecnologias informacionais, nas exigências de maior escolarização e qualificação profissional, na redução expressiva do trabalho estável e contratado regularmente, concomitantemente ao aumento do emprego parcial, temporário, subcontratado e precário (PREVITALI, 2015, pag 62).

Nesta busca (irracional) pela acumulação, não há uma preocupação com o trabalhador, suas necessidades de descanso ou biológica. Pensa-se apenas no mínimo necessário para que o trabalhador sobreviva e tenha as condições necessárias para reproduzir o lucro. Os direitos ofertados aos trabalhadores visam apenas ao mínimo, ou nem isso, a manutenção da vida do trabalhador e da sua força de trabalho. Neste sentido a educação é vista como uma ferramenta para formação de profissionais qualificados e flexíveis que possa se sujeitar a todas as formas de exploração de sua força de trabalho.

O homem e a mulher passam a vida inteira sendo estimuladas as regras empresariais e a busca de melhores condições como um bom trabalho, salário, casa, carro, etc. Durante o processo de escolarização existem constantemente as comparações entre o melhor e pior aluno, entre as escolas etc. Tal medida se utiliza do recurso empresarial do controle e análise do resultado das avaliações. Tudo isto, compassadamente cria a subjetividade de que todos somos diferentes e há o melhor e o pior. O autor FREITAS explica que:

Os resultados das avaliações passam a guiar a vida escolar. A elevação da nota da escola é estabelecida como referência de qualidade, o que leva à ocultação do debate sobre as finalidades educativas, favorecendo a captura da ação pedagógica pelo status quo (FREITAS, 2018, pag. 82).

Os melhores são os que alcançaram sucesso profissional e possuem bens e expressivos cargos/salários. Para tanto, é preciso buscar se profissionalizar, buscar conhecer o método aplicado pelos bens sucedidos e copiar. Desta forma, o sucesso é entendido como o resultado de quem consegue fazer mais com menos. Neste sentido é que o uso das estratégias empresariais passa ser cada vez mais utilizadas nas escolas, especialmente a pública que é a que abarca a maioria da população precária, trabalhadora e carentes de melhores condições de vida.

Enfim, a partir dos estímulos que a criança, jovem ou adulto recebe durante toda sua vida é forçoso a crença de que todos são diferentes e por isso é natural dizer que possuir bens é sinal de riqueza e prosperidade. Em paralelo também é natural que exista o fracassado por não ter um bom trabalho ou bens materiais. Não há aqui um homem ou mulher que tenha condições ou mesmo que tenha a consciência plena para fazer análise crítica para questionar o sistema metabólico social do capital, verificar as desigualdades e as gigantescas diferenças de oportunidades e condições de vida. Em suma, é normal identificar e julgar o outro ou a si mesmo como responsável pelos (in) sucessos. Assim como a naturalização do viver em excelentes condições de vida, enquanto que não há preocupação com as condições de vida e de trabalho de quem faz a limpeza, uber, serviços em geral, etc. Assim é natural a diferença e a aceitação e convivência com as misérias sociais.

2. A responsabilidade individual e a ascensão de classe

A noção de ascensão de classe e mobilidade social só é factível de ser compreendida e almejada quando a responsabilidade é da pessoa sobre a sua situação. E sua situação é definida pelo seu nível de esforço, dedicação e inteligência. A partir disto, entendemos que o sistema cria pessoas individualistas. Constrói-se uma subjetividade de competição de positivismo.

A escola tem o propósito de criar o sujeito tecnicamente e subjetivamente. Quem tiver a qualificação profissional ou acadêmica vai ascender na classe. Melhores salários, trabalhos mais gerenciais. Escalada da qualificação acadêmica. O profissional é aquele sujeito que pela escola, através da escola, vai reunir um conjunto de conhecimentos e valores, ele estará habilitado para exercer uma determinada profissão. A qualificação entendida como o estar preparado para a prova, onde o resultado é obtido em formato de títulos que contam pontos no momento de se obter um excelente trabalho e remuneração. Além disto, o sucesso só é alcançado pelo mais dedicado, pois é preciso estudar muito e no futuro trabalhar longas horas, ser flexível e se sujeitar a qualquer exigência da empresa para que se possa destacar e ganhar dinheiro.

3. A (des)regulamentação do Estado, o gerencialismo e a estratégia da terceirização

O declínio do Estado proporciona a desregulamentação dos direitos sociais (ex. trabalhista, previdenciário, etc) e a regulamentação dos mercados, de forma a beneficiar os grandes monopólios empresariais como a criação da lei da terceirização sem limites. Estes movimentos de (des)regulamentação é um processo histórico de construção e desconstrução, se trata de um processo interno possível pela criação histórica da subjetividade dos valores capitalistas. Neste contexto quando o Estado determina que a terceirização vai trazer mais empregos, flexibilidade e novas oportunidades para todos é sem resistência que o homem e mulher acredita. Ora se só trará benefícios por qual razão deveríamos resistir?

O discurso do neoliberalismo é sempre muito sedutor (mais oportunidades, flexibilidade e renda). Entre não ter nada e ter alguma coisa, é melhor alguma coisa. DAVE expõe que:

O Neoliberalismo e seus Efeitos

As políticas neoliberais tanto no Reino Unido como no mundo resultaram em:

- uma perda de eqüidade, e da justiça econômica e social;
- uma perda de democracia e da responsabilidade democrática;
- uma perda de pensamento crítico dentro de uma cultura de desempenho (DAVE, 2003, pag. 28).

A nova gestão pública ou o novo gerencialismo representa o conjunto de práticas e ferramentas da governabilidade em função do controle. A ideia do gerencialismo traz consigo uma nova forma de gestão de Estado. O gerencialismo existe para tornar o Estado mais eficiente e eficaz sob os valores do capital. Para tanto a educação é usada como ferramenta do capitalista na criação da subjetividade e preparação do aluno para se tornar um trabalhador dócil e flexível. DAVE explica que:

A Agenda Empresarial e a Educação. Richard Hatcher (2001, 2002) mostra como o/os capital/ais empresas têm duas metas principais para as escolas. A primeira meta é de assegurar que o ensino e a educação se vinculem na reprodução ideológica e econômica.

A segunda meta – a Agenda Empresarial nas escolas – é em favor das empresas privadas, para que os capitalistas privados possam fazer dinheiro, possam lucrar com o controle desta área: esta é a agenda empresarial nas escolas (DAVE, 2003, pag. 34).

Em complemento a autora PREVITALI (2015) nos apresenta o seguinte:

Cada vez mais as empresas beneficiam-se da desregulamentação neoliberal do trabalho para modificar suas relações com a classe trabalhadora via intensificação dos processos de flexibilização envolvendo práticas como a da terceirização e subcontratação, do trabalho temporário e do trabalho em grupo e impondo fortes derrotas ao movimento sindical que havia nascido sob as práticas tayloristas-fordistas (PREVITALI, 2015, pag 59).

O neoliberalismo tem um conjunto de conceitos e categorias. A adoção dos princípios e das novas ferramentas indica o desmonte do Estado. Vai se desconstruindo o Estado de direitos. É preciso expropriar as pessoas para que elas possam ser consumistas. A terceirização é um modelo de gestão usado para esta finalidade.

É importante cercear a fala do professor. Porque o professor ensina a consciência crítica. No setor público temos um teto de gastos que não permite a realização de concurso público. Os professores são contratados por contratos temporários. Sem direitos e pouca regulamentação. Sem carreira, sem aposentadoria. ANTUNES, explica que:

Desse modo, além de a terceirização ampliar espetacularmente a extração de mais-valor nos espaços privados, dentro e fora das empresas contratantes, ela também inseriu abertamente a geração de mais-valor no interior do serviço público, por meio do enorme processo que introduziu práticas privadas (as empresas terceirizadas e seus assalariados terceirizados) no interior de atividades cuja finalidade original era produzir valores socialmente úteis, como saúde, educação, previdência etc.

A terceirização acelerada dentro da atividade estatal, nos mais distintos setores (limpeza, transporte, segurança, alimentação, pesquisa, entre outros), incidindo tanto nas atividades administrativas como, por exemplo, na área da saúde, com médicos e enfermeiros terceirizados atuando em hospitais públicos, dentre tantas outras atividades terceirizadas que se expandem em ritmo intenso no espaço público, começa a corroer por dentro a res publica, uma vez que as empresas de terceirização passam a extrair mais-valor de seus trabalhadores terceirizados que substituem os assalariados públicos (ANTUNES, 2018).

Enfim, percebe-se que a terceirização da atividade fim nas escolas públicas é só uma questão de tempo, visto que esta ferramenta está disponível ao capitalismo e foi preparada por muitos anos para que não venha a ter resistências, mas pelo contrário, veja-se com única maneira possível de se alcançar um trabalho e a manutenção da vida. O autor FREITAS explica que:

A finalidade última dessa engenharia é criar as condições para induzir a privatização da educação, estipulando metas que são difíceis de serem atingidas, nas condições atuais de funcionamento

da educação pública, desmoralizando a educação pública e o magistério (FREITAS, 2018, pag. 80).

Se a educação é cara e se existe outra forma melhor de se atingir o mesmo resultado ou até mesmo melhor, por que não terceirizar os professores ou mesmo a escola como um todo. Inclusive viria a calhar que terceirizados ensinem como devem ser os terceirizados do futuro. Se o único valor aceitável é o lucro, quanto mais força de trabalho eu produzo em menor custo, não há de se falar que se trata de um mau negócio.

Considerações Finais

A construção da subjetividade do homem e da mulher é desenvolvida pelo conjunto de todas as experiências de vida. O indivíduo traz consigo sua visão de mundo, seus desejos, suas experiências, assim como sua necessidade primária de sobrevivência.

No contexto social capitalista temos que fomentar a crítica sobre o papel da escola. Nós queremos uma escola para formar o sujeito pleno na sua totalidade e não apenas para reproduzir os valores do capital. Para tanto é imprescindível a revisão constante do currículo, seus objetivos e o papel da escola no processo de formação humana. O autor FREITAS esclarece que:

O que se pode deduzir dessa breve incursão é que, antes de definir um currículo e seus objetivos formativos e de ensino, é fundamental que se defina qual é a teoria da formação humana que está informando esse currículo e qual conceito de boa educação nos orientará (FREITAS, 2016, pag. 144).

A intenção é que o indivíduo seja tecnicamente bom, mas também politicamente engajado numa perspectiva diferente dos moldes capitalistas. Formar um indivíduo crítico para questionar o sistema do metabolismo social do capital e se movimentar organicamente no entrelaçamento dos diversos segmentos, pois só assim é possível a constituição de uma sociedade justa, equânime e igualitária. Neste contexto, FRIGOTTO explica que a:

A educação é, antes de mais nada, desenvolvimento de potencialidades e a apropriação de "saber social" (conjunto de conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que são produzidos pelas classes, em uma situação histórica dada de relações para dar conta de seus interesses e necessidades). Trata-se de buscar, na educação, conhecimentos e habilidades que permitam uma melhor compreensão da realidade e envolva a capacidade de fazer valer os próprios interesses econômicos, políticos e culturais. (Gryzybowski, 1986, p. 41-2) (FRIGOTTO, 2010, pag. 28).

Os valores do capitalismo estão enraizados nos indivíduos. Para sua desconstrução é necessário a percepção de que esta forma de organização não atende mais os anseios humanos. Isto só pode ocorrer através da educação crítica acerca do metabolismo social. As ferramentas do capital como terceirização, uberização, exacerbação do controle, avaliação, etc, deve ser revista, assim como o reconhecimento de que a verticalização das relações no trabalho (chefe e empregado) e na vida como um todo é algo determinado, porém que não deve mais retratar a realidade. A reflexão e análise do uso das ferramentas do capital pode subsidiar os elementos basilares para que o indivíduo não segmente a si mesmo e forme uma força de união para que se crie a consciência coletiva.

Nova subjetividade no homem e mulher deve ser construída e para tanto é fundamental a revisão da organização da vida e o desenvolvimento técnico cultural que realmente atenda as necessidades do homem. Para uma sociedade pautada em novos valores é imprescindível a utilização de forma sustentável dos meios de produção. É preciso ser uma exploração racional, visto que os recursos naturais são limitados. Atualmente vemos uma relação complexa e uma compulsão do consumismo (irracional). Os elementos sociais deverão ser coordenados e organizados para que os recursos naturais sejam em prol de atender ao indivíduo e a proteção da vida. É preciso haver formas de garantir a reprodução biológica, mas de forma humana e equilibrada. Isso se refere ao respeito das necessidades primárias do ser humano.

Enfim, para ser possível uma reformulação e constituição de uma nova subjetividade humana é primordial que os indivíduos assumam uma consciência crítica a cerca da educação e que a partir disso possam contribuir para o realinhamento do caminho que a sociedade tem trilhado. Precisamos responder as seguintes questões: que sociedade queremos? Qual professor precisamos para os alunos que queremos formar? A partir das respostas, será possível um planejamento social, humano e em seguida o esforço coletivo para o alcance da mudança que tanto é necessária.

Referências

ANTUNES, R. *Os Sentidos do Trabalho*. São Paulo: Boitempo. 1999.

ANTUNES, R. *O Privilégio da Servidão*. São Paulo: Boitempo. 2018.

BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista*: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar. 1981

FRIGOTTO, G. *Educação e Crise do Capitalismo Real*, 2010

FREITAS, L.C. **A Reforma Empresarial da Educação**: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular. 2018.

FREITAS, Luiz Carlos de. Três Teses sobre as Reformas Empresariais da Educação: perdendo a ingenuidade. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 36, n. 99, p. 137-153, maio-ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622016160502>.

HILL, Dave. O Neoliberalismo Global, a Resistência e a Deformação da Educação. **Curriculo Sem Fronteiras (online)**. 2003. Disponível em:
<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss2articles/hill.pdf>

PREVITALI, F. S.; FAGIANI, C.C. Trabalho e Educação na nova ordem capitalista: inovação técnica, qualificação e precarização. **HISTEDBR On-line**, Cam, N. 65, p. 58-72, out. 2015. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/v>.